



## A REPRODUÇÃO DA PRÁTICA SOCIOESPACIAL NO COTIDIANO DA CIDADE PEQUENA

Maiara Cerqueira Leandro <sup>1</sup>

### RESUMO

Pensar o espaço da cidade implica na compreensão das práticas espaciais reproduzidas socialmente no movimento da vida cotidiana materializada no espaço vivido. E o objetivo deste artigo é discutir a reprodução da prática socioespacial no cotidiano da cidade pequena, suas contradições e possibilidades concretas de realização da vida no contexto das dinâmicas urbanas contemporâneas. Nesse sentido, busca-se problematizar como as práticas cotidianas se realizam no espaço da cidade de São Felipe em meio à (re)produção das formas de representação e apropriação do espaço<sup>2</sup>. E para se chegar ao entendimento dessa questão as interpretações estão pautadas no método dialético das dimensões de análise dos espaços concebido, percebido e vivido proposto por Lefebvre. Os procedimentos metodológicos pautaram-se na construção da discussão teórico-metodológica; uso de entrevista semiestruturada e questionários; mapeamento, organização e sistematização das informações; e, análise dos resultados. Por meio dos resultados alcançados, foi possível compreender que as práticas espaciais realizadas no cotidiano da cidade pequena são reprodutoras de relações de sociabilidade compartilhadas entre os sujeitos de forma mais próxima e, ao mesmo tempo, revelam as ambiguidades da experiência “prático-sensível” das relações imediatas ocultadas ao nível do habitar.

**Palavras-chave:** (Re)produção do espaço, Cidade pequena, Práticas cotidianas, São Felipe-Ba.

### ABSTRACT

Think about the city's space implies understanding the spatial practices socially reproduced in the movement of everyday life materialized in the lived space. And the purpose of this article is to discuss the reproduction of socio-spatial practice in the daily life of the small town, its contradictions and concrete possibilities for realizing life in the context of contemporary urban dynamics. In this sense, we seek to problematize how everyday practices take place in the space of the city of São Felipe amid the (re)production of forms of representation and appropriation of space. And to reach an understanding of this issue, the interpretations are based on the dialectical method of the dimensions of analysis of the spaces conceived, perceived and lived proposed by Lefebvre. The methodological procedures were based on the construction of the theoretical-methodological discussion; use of semi-structured interview and questionnaires; mapping, organizing and systematizing information; and, analysis of the results. Through the results achieved, it was possible to understand that the spatial

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia – UFBA, [maiara-sf@hotmail.com](mailto:maiara-sf@hotmail.com);

<sup>2</sup> Este artigo é resultado da pesquisa de mestrado da autora, realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia– UESB.



practices carried out in the daily life of the small town are reproducers of sociability relationships shared more closely between the subjects and, at the same time, reveal the ambiguities of the "practical-sensitive" experience of the immediate hidden relationships at the level of dwelling.

**Keywords:** (Re)production of space, Small city, Practices everyday, São Felipe-Ba.

## INTRODUÇÃO

A produção do espaço se realiza por meio das práticas espaciais socialmente reproduzidas. No que se refere aos estudos urbanos, a leitura da cidade nos possibilita apreender os processos de formação das formas e conteúdos codificados pelas práticas socioespaciais que dão sentido ao espaço social. Nesse sentido, busca-se problematizar como as práticas cotidianas se realizam no espaço da cidade pequena em meio à (re)produção das formas de representação e apropriação do espaço vivido. E para se chegar ao entendimento dessa questão as interpretações estão pautadas no método dialético das dimensões de análise dos espaços concebido, percebido e vivido proposto por Lefebvre.

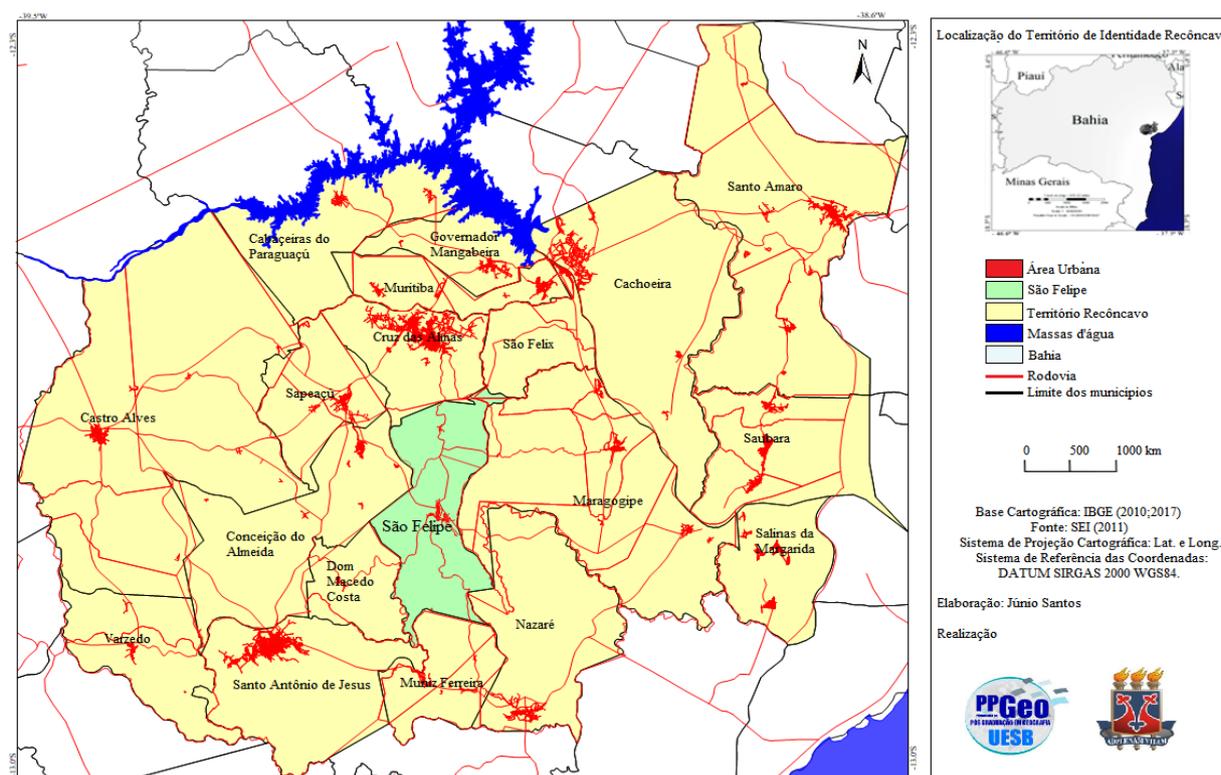
Para se compreender a dinâmica de produção social do espaço da cidade pequena e, a partir desta, a produção da sociedade urbana, é necessário pensar as cidades pequenas na perspectiva da sociedade urbana como parte de um "vir-a-ser", em meio as distintas formas e conteúdos presentes no cotidiano desses pequenos centros urbanos como possibilidades de transformação socioespacial em sua totalidade. Como aponta Endlich (2006, p. 33), "[...] o vir-a-ser encontra-se em meio às contradições presentes nas condições materiais estabelecidas. Procura-se o conflito, o movimento, o que é e está deixando de ser. Enfim, procura-se captar o processo que conduz a transformação [...]".

Assim, a cidade de São Felipe, presente na problemática da pesquisa como o nível de análise da realidade, contribui com o estudo empírico das práticas espaciais reproduzidas em seu cotidiano. Na busca por apreender o movimento de reprodução da vida cotidiana vivida em seus fragmentos, ao mesmo tempo, capaz de revelar as transgressões e possibilidades das relações sociais reproduzidas no cotidiano que surge da prática espacial (LEFEBVRE, 1991b).

São Felipe está localizada na região do Recôncavo Baiano (Mapa 1), e o município concentra população absoluta de 20.305 habitantes, 48,36% (9.820 pessoas)

correspondem à população urbana (IBGE, 2010). Trata-se de uma cidade com menos de dez mil habitantes, na qual as relações entre o campo e a cidade são completamente imbricadas. As relações de comércio na cidade ainda giram em torno da agricultura, principalmente, com a presença da feira livre que acontece às sextas-feiras e sábados, com forte influência na dinamização do comércio local. Logo, as relações de comércio/serviços e agricultura aparentemente desconexas, são inteiramente articuladas ao processo de reprodução do espaço urbano em São Felipe, haja vista, que as atividades agrícolas desempenham importante papel na geração de renda da população, bem como complementam as incipientes atividades comerciais e de serviços.

Mapa 1 – Mapa de localização de São Felipe no Território de Identidade Recôncavo, Bahia, 2020



Fonte: Mapa elaborado por Júnio Santos (LEANDRO, 2020).

Com base na contribuição teórica da Geografia Crítica e do diálogo do método dialético da tríade lefebvriana sobre a produção do espaço, busca-se sustentar a problemática desta pesquisa, imprescindível para o desenvolvimento metodológico como campo de apreensão do objeto de estudo. As etapas da pesquisa constituíram-se em: construção da discussão teórico-metodológica; pesquisa documental e *in loco*;



instrumentos de coleta de dados, com o uso de entrevista semiestruturada e questionários, como procedimentos de observação e apreensão da realidade; mapeamento, organização e sistematização das informações; e, análise dos resultados. Com aprovação pela comissão do Comitê de Ética.

A discussão teórico-metodológica pautou-se em leituras e fichamentos sobre o debate da produção do espaço urbano, reprodução das práticas espaciais, cotidiano, conteúdos e funções da cidade pequena em meio ao processo de reprodução das relações sociais. Referenciadas com base em autores como Lefebvre (2013; 1991a; 1991b); Carlos (2004); Endlich (2006); Bernadelli (2004); Leandro (2020); entre outros.

Por sua vez, o levantamento de dados no campo se deu por meio da amostra selecionada. Foram aplicados seis entrevistas e 100 questionários aos sujeitos residentes no Centro da cidade de São Felipe e nos Bairros da Urbis, Laranjeira e Jurema (considerados nesta pesquisa os espaços com características segmentadas espacialmente, representados por aquilo que lhes faltam e que sofrem representações estigmatizadas). Foi-se em busca dessas pessoas em seus domicílios.

Para tanto, o objetivo deste artigo é discutir a reprodução da prática socioespacial no cotidiano da cidade pequena, suas contradições e possibilidades concretas de realização da vida no contexto das dinâmicas urbanas contemporâneas. Por considerar que as práticas espaciais realizadas no cotidiano da cidade pequena são reprodutoras de espaço de sociabilidade e, ao mesmo tempo, capazes de revelar as contradições sociais presentes no espaço urbano. Além desta introdução e das considerações finais este artigo está dividido em duas partes. A primeira apresenta discussão teórica sobre a reprodução do espaço urbano e o cotidiano e, em seguida, apresentam-se os resultados e discussões alcançados com a pesquisa sobre as práticas socioespaciais reproduzidas em São Felipe.

## **O COTIDIANO E A REPRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO**

O aprofundamento no campo da teoria sobre a produção do espaço urbano como movimento de abstração em direção à interpretação empírica das práticas espaciais reproduzidas na cidade pequena, é o caminho teórico-conceitual a ser seguido neste trabalho. Por entender que a leitura crítica sobre a prática espacial aponta um caminho



metodológico para compreensão da realidade urbana, suas contradições e possibilidades concretas de realização da vida cotidiana.

Mediante as proposições de Lefebvre (1991a), a cidade é a forma espacial que permite o urbano. Ela se realiza como espaço social por meio da reprodução das práticas espaciais como forma de uso desse espaço. Ao mesmo tempo que é influenciada pelo modo de produção capitalista, imerso em todas as formas de apropriação e dominação do espaço urbano, na própria cotidianidade (nos lazeres, nas atividades culturais, na escola, no trabalho, ou seja, no espaço inteiro), resultado de contradições e conflitos que se materializam no espaço vivido (LEFEBVRE, 2008).

O entendimento da prática social como reveladora das condições de produção do espaço na sociedade capitalista possibilita apreender a dinâmica socioespacial e suas contradições em sentido amplo. Como exemplifica Carlos (2019, p. 461), “[...] a prática social assinala que o capitalismo em crise precisa do espaço para continuar se reproduzindo, introduzindo-o como elemento da produção da vida bem como da subversão do real”. Logo, a dimensão espacial é concreta e se realiza enquanto reprodução das relações sociais, suas contradições e possibilidades.

Desse modo, é preciso apreender a prática espacial como reveladora das relações sociais que se materializam no espaço concreto. “Se a construção da problemática urbana se realiza no plano teórico, a produção da cidade e do urbano se coloca no plano da prática sócio-espacial, revelando a vida na cidade” (CARLOS, 2004, p. 19). E de acordo com Lefebvre (1991b), destaca-se a importância do conhecimento da vida cotidiana para compreensão da dinâmica de reprodução do espaço urbano.

Lefebvre (2013, p. 80) visa mostrar a produção do espaço reunindo os diversos espaços e as modalidades de sua gênese numa teoria, “[...] el espacio en su totalidad — mental, físico y social [...]”<sup>3</sup> inerentes às formas, significativo de conteúdos. Sendo esse, o espaço social como produto e produtor das relações sociais, que contém os lugares apropriados pelas práticas de reprodução das necessidades biológicas e as relações de produção – divisão do trabalho e sua organização, as funções sociais historicamente hierarquizadas.

Para tanto, nesta pesquisa busca-se apreender o espaço com base nas reflexões do campo da abstração à realidade, do espaço concebido pelas representações sociais ao

---

<sup>3</sup> “[...] o espaço em sua totalidade – mental, físico e social [...]” (Tradução nossa).



espaço vivido, da subjetividade do discurso à objetividade da vida real – mediados pelo espaço percebido –, das práticas espaciais criadas e recriadas pelas relações sociais. Com foco na análise do espaço vivido, o espaço onde se encontram as pessoas com suas práticas cotidianas, o lugar de reprodução da vida vivida em seus fragmentos, necessidades e desejos. É o espaço dos “habitantes”, dos “usuários”, ou melhor, dos “usadores”. Espaço das realizações e possibilidades, daqueles que podem subverter uma ordem imposta por meio das práticas espaciais que ganham novos sentidos (LEFEBVRE, 2013).

Desse modo, para compreender a reprodução da prática socioespacial no cotidiano da cidade de São Felipe parte-se de reflexões sobre a teoria da produção do espaço e da vida cotidiana em Lefebvre (2013; 1991b), face interpretação das práticas espaciais mediadas por estratégias de controle disseminadas no espaço urbano; em diálogo com as práticas microbianas de Certeau (1994), as “artes de fazer”, atividades táticas realizadas diariamente pelos sujeitos na luta pela sobrevivência ao nível do cotidiano. São abordagens teóricas distintas, porém, complementares na análise.

Ressaltam-se, assim, as contribuições de Certeau (1994) ao trabalhar com a análise microssociológica das relações dos sujeitos comuns e suas artes de fazer cotidianas, ligadas às histórias de vida experienciadas no dia-a-dia. O autor considera as artes de fazer como táticas empreendidas pelos sujeitos comuns (atores ordinários, invisíveis) como forma de resistência às estratégias dominantes, as artes do desvio e da própria apropriação para o uso do espaço (ligadas às práticas da linguagem, da comunicação, dos percursos, da alimentação etc., que no cotidiano lhes permitem escapar silenciosamente às conformações impostas e na medida do possível reconfigurar socialmente o espaço vivido) (LEANDRO, 2020).

Nesse sentido, aponta-se a pesquisa sobre o cotidiano como possibilidade para análise crítica da realidade estudada, por permitir uma leitura das práticas de apropriação e suas transformações no espaço vivido. Sem desconsiderar que, ao nível do cotidiano, também se gestam as contradições do espaço movidas pela programação da vida cotidiana, especificamente, porque “[...] toda a racionalidade econômica e política pesa sobre o cotidiano, enquanto vivido” (DAMIANI, 2001, p. 52). Assim, “[...] a estratégia que visa a programação do cotidiano é global; é uma estratégia de classe. Desse plano, da sua realização, alguns se beneficiam; os outros, a maioria, o suportam mais ou menos” (LEFEBVRE, 1991b, p. 203).



De acordo com Lefebvre (1991b), o cotidiano surge da prática, movimento das atividades criadoras, produtoras de objetos e de obras, dos sentidos e conteúdos sociais reproduzidos espacialmente. Assim, o cotidiano revela tanto o lugar de reprodução dos sujeitos sociais e sua espontaneidade nas ações práticas, quanto à dominação do espaço pelas imposições do modo de produção capitalista, a cotidianidade programada pela “sociedade burocrática de consumo dirigido” (sociedade que programa o cotidiano das pessoas para o consumo) (LEFEBVRE, 2008, p. 46).

Parte-se, assim, do estudo do cotidiano como possibilidade para compreensão do espaço vivido. Na medida em que ao nível do cotidiano “[...] se formulam os problemas concretos da produção em sentido amplo: a maneira como é produzida a existência social dos seres humanos, com as transições da escassez para abundância e do precioso para a depreciação” (LEFEBVRE, 1991b, p. 30). Implica desvendar a ambiguidade dos conteúdos sociais que se realizam na dimensão do vivido. Segundo Lacombe (2008), a noção de ambiguidade tal qual Lefebvre discute se constitui em situações sociais vividas em função das contradições e conflitos profundos que não são percebidos enquanto tais.

Nessa perspectiva, busca-se interpretar as práticas espaciais reproduzidas cotidianamente pelos sujeitos ao nível do habitar para compreensão dos conteúdos das relações sociais reproduzidas no espaço, que não se resumem a descrição das atividades desenvolvidas pelos sujeitos em seu cotidiano. Trata-se de uma abordagem complexa e que envolve diferentes elementos para interpretação. Como aponta Carlos (2001),

[...]. A análise da vida cotidiana envolve o uso do espaço, pelo corpo, o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas: as relações de vizinhança, o ato de ir às compras, o caminhar, o encontro, os jogos, as brincadeiras, o percurso reconhecido em uma prática vivida / reconhecida em pequenos atos corriqueiros e, aparentemente, sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante – habitante e habitante – lugar, marcada pela presença. São, portanto, os lugares que o homem habita dentro da cidade e que dizem respeito a sua vida cotidiana, lugares como condição de vida, que vão ganhando o significado dado pelo uso (em suas possibilidades e limites). Trata-se, portanto, de um espaço palpável, real e concreto [...] (CARLOS, 2001, p. 35-36).

Para tanto, as diferentes formas de relações estabelecidas pelos sujeitos com o espaço da cidade expressam as próprias necessidades de reprodução da vida. E tais relações se dão por meio de contradições concretas da luta pela sobrevivência. E no contexto de análise da reprodução do espaço da cidade de São Felipe, parte-se do



pressuposto de que as práticas espaciais que caracterizam o seu cotidiano apresentam proximidades nas relações sociais subjetivas e simbólicas, mas também não deixam de ser influenciadas pela alienação da cotidianidade programada em função da lógica capitalista de (re)produção do espaço (LEANDRO, 2020). No tópico a seguir, apresentam-se alguns dados e resultados da pesquisa de campo referentes às práticas socioespaciais reproduzidas no espaço urbano de São Felipe.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa revelam aspectos das práticas espaciais reproduzidas no cotidiano da cidade de São Felipe e de como elas influenciam na produção do espaço em função das relações de uso e apropriação do espaço vivido. Como os sujeitos se apropriam da cidade pelas práticas socioespaciais e, ao reproduzissem espacialmente, reitera e recria o cotidiano das relações sociais particulares e significativas de valor de uso e sociabilidades, para além das relações de troca. Ao revelar a dimensão simbólica das experiências vivenciadas pelos indivíduos, suas necessidades, conflitos e possibilidades da práxis (ação prática) incorporados ao conteúdo da forma “prático-sensível”.

Os resultados alcançados apontam que em função das práticas espaciais os sujeitos se apropriam do espaço e constroem suas relações sociais e, ao nível do habitar, as relações sociais de produção e reprodução do espaço se realizam, se conflitam e podem ser reconstruídas cotidianamente. Logo, a análise das práticas espaciais com base nas observações de campo e discursos dos moradores revelados nas entrevistas e questionários, foi extremamente importante para aproximar as bases teóricas com a dimensão empírica. Possibilitou ampliar o entendimento sobre a (re)produção do espaço vivido, suas relações e conteúdos.

Ao pensar as relações dos sujeitos com São Felipe, verifica-se, no geral, que os moradores compartilham suas vidas, se conhecem e se identificam uns com os outros nas variadas atividades realizadas no dia-a-dia. Os sujeitos entrevistados em sua maioria são do sexo feminino, 66%. No que se refere à idade das pessoas entrevistadas, 26% correspondem ao perfil de jovens entre 18 e 24 anos; 60% representam adultos de 25 a 59 anos; e 14% encontram-se na faixa de idade a partir de 60 anos. Ao questioná-los se moram na cidade de São Felipe desde nascença, 56% afirmaram que sim, enquanto 24%



disseram que antes moravam na zona rural do município. E os outros 20% relataram ser oriundos de cidades como Salvador (5%), Maragogipe (4%), Santo Antônio de Jesus (3%), Cruz das Almas (2%), Conceição do Almeida (1%), Feira de Santana (1%), Rio de Janeiro (1%), São Paulo (1%), Sergipe (1%) e Gandu (1%).

Segundo os entrevistados, a ida para a cidade está relacionada, principalmente, à busca por “oportunidades” de trabalho e melhores condições de acesso aos estudos. “[...] Antes, morava na zona rural, faz vinte anos que estou aqui na cidade, vim para aqui naquele tempo em busca de trabalho, comecei a trabalhar numa loja e estou aqui até hoje [...]”<sup>4</sup>; “Vim para a cidade para facilitar os estudos”<sup>5</sup> (LEANDRO, 2020).

Alguns moradores também relataram que saíram da zona rural após terem a oportunidade de acesso à casa própria por meio do programa de habitação popular Urbis, Política de Habitação e Urbanização da Bahia S.A. Como ressalta uma moradora da Urbis, “[...] antes, morava na roça, na localidade do Barlavento, aí deram essas casas aqui, aí a gente veio pra cá”<sup>6</sup>. Por sua vez, as pessoas oriundas de outras cidades e/ou estados, e que atualmente moram em São Felipe, ressaltaram como fator de migração para esta cidade as questões ligadas à constituição de família ou local de trabalho de algum familiar.

Tais questões confirmam-se nas falas das entrevistadas: “Moro há quatro anos em São Felipe, morava na zona rural de Maragogipe [...] e vim morar aqui porque arranjei um namorado que é daqui [...]”<sup>7</sup>; “Morava em Salvador, vim pra aqui faz 10 anos. Porque perdi o emprego lá, me casei e vir morar aqui”<sup>8</sup>; “Sou de Sergipe, faz cinco anos que moro aqui em São Felipe [...] porque o meu marido é daqui, ele amputou as duas pernas [...]”<sup>9</sup>; “Morava em Cruz das Almas, faz vinte anos que estou aqui, por questão de trabalho dos meus pais”<sup>10</sup>.

Nesse contexto, as diferentes formas de relações estabelecidas pelos sujeitos com o espaço da cidade expressam as próprias necessidades de reprodução da vida. Tais relações se dão por meio de contradições concretas da luta pela sobrevivência, que se revelam no cotidiano dos moradores em meio às práticas sociais e de apropriação da

<sup>4</sup> Entrevistada E.A, moradora do Centro, questionário aplicado em 16 de abril de 2019.

<sup>5</sup> Entrevistada I.N, moradora do Centro, questionário aplicado em 16 de abril de 2019.

<sup>6</sup> Entrevistada M.O, moradora da Urbis, questionário aplicado em 30 de abril de 2019.

<sup>7</sup> Entrevistada A.S, moradora da Laranjeira, questionário aplicado em 29 de abril de 2019.

<sup>8</sup> Entrevistada L.C, moradora do Centro, questionário aplicado em 28 de abril de 2019.

<sup>9</sup> Entrevistada G.L, moradora do Centro, questionário aplicado em 28 de abril de 2019.

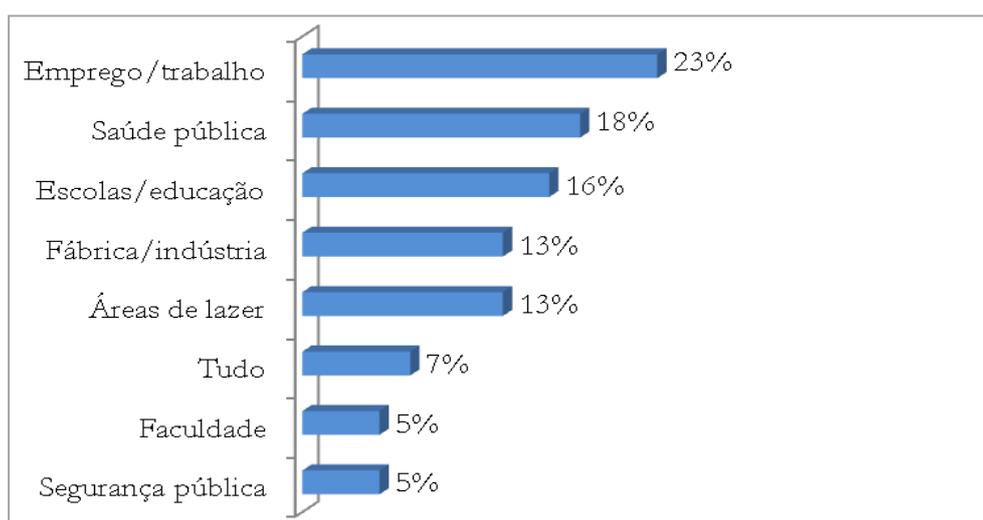
<sup>10</sup> Entrevistada M.D, moradora do Centro, questionário aplicado em 28 de abril de 2019.



cidade, onde os indivíduos se reconhecem no espaço e estabelecem relações de satisfação e insatisfação quanto ao atendimento de suas necessidades cotidianas. Como ressalta Lefebvre (1991b, p. 87), “[...] a satisfação e a insatisfação andam lado a lado, se afrontam segundo os lugares e as pessoas. O conflito não aparece sempre, nem é dito. Evita-se falar dele e torná-lo manifesto. Mas ele está aí, constante, latente, implícito [...]”.

Com base nos dados da pesquisa de campo, ao questionar os moradores entrevistados sobre o que falta na cidade, dentre os diversos elementos apontados, agrupou-se no Gráfico 1 as principais necessidades destacadas em suas falas.

Gráfico 1 – Principais necessidades apontadas pelos entrevistados, em percentual, São Felipe, Bahia, 2019



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Observa-se que as necessidades de emprego/trabalho e sua associação à ausência de fábrica/indústrias se destacam entre as falas dos entrevistados, respectivamente, 23% e 13% das respostas. Seguidas do acesso à saúde pública (18%), escolas/educação e faculdade (21%) e áreas de lazer (13%), como principais necessidades cotidianas de uso coletivo para os moradores.

Ao questionar se a cidade oferece opções de emprego, dos cem entrevistados, 89% afirmaram que não. Quanto as justificativas a respeito dessa questão, os moradores destacaram como uma das maiores dificuldades encontradas no cotidiano, além de ressaltar essa condição como fator que contribui para a saída de pessoas para outras



idades, como exemplifica os seguintes relatos: “Falta muito, uma das maiores dificuldades [...]. Sem oportunidades de emprego, o que contribui para o deslocamento das pessoas para outra cidade para estudar, trabalhar [...]”<sup>11</sup>; “Aqui é muito difícil achar trabalho, meus filhos mesmo tiveram que ir pra fora”<sup>12</sup>; “Nenhuma. Aqui não tem oportunidade nenhuma, ou você faz seu negócio ou não tem nada”<sup>13</sup>. E os 11% que afirmaram ter opções de emprego, ressaltam que “encontra, mas não com facilidade [...]”<sup>14</sup>; “O mínimo possível. Quando alguém abre um comércio só coloca a família, ninguém coloca outro de fora [...]”<sup>15</sup>.

Ao avaliar os serviços de saúde oferecidos pelo hospital municipal, os entrevistados ressaltaram insatisfação quanto ao atendimento prestado. 40% justificaram o atendimento como ruim e precário; 22% disseram ter atendimento, mas precisa melhorar; 15% classificaram como regular; 10% como bom; outros 10% não justificaram e 3% afirmaram ser ótimo. Entre as principais problemáticas apontadas pelos entrevistados quanto a esse serviço, destaca-se a falta de médicos, sobretudo especialistas em determinadas áreas, demora na espera de atendimento e falta de estrutura adequada (LEANDRO, 2020; 2021).

No que se refere ao oferecimento do serviço de educação, dos entrevistados, 21% afirmaram ser esta uma das principais necessidades na cidade. Em suas falas relacionam o termo educação no geral, ao abranger a necessidade de escolas, creches e faculdades que possibilitem aos indivíduos oportunidades de estudo com qualidade e acesso a novos cursos para continuidade no processo formativo, acadêmico e profissional. Como se pode verificar no discurso de alguns dos entrevistados: “Tem educação, mas precisa de investimentos em melhorias das escolas e oferta de cursos [...]”<sup>16</sup>; “Tem escolas, mas deveria ter mais creches para colocar as crianças”<sup>17</sup>; “Poderia ter mais cursos, um curso técnico, uma faculdade, essas coisas assim [...]”<sup>18</sup>.

Com relação às opções de lazer na cidade, 81% dos entrevistados afirmaram não ter espaços para a prática do lazer. Segundo os entrevistados, os únicos espaços de lazer

<sup>11</sup> Entrevistada S.P, moradora do Centro, questionário aplicado em 15 de abril de 2019.

<sup>12</sup> Entrevistada A.P, moradora da Jurema, entrevista realizada em 30 de abril de 2019.

<sup>13</sup> Entrevistada C.S, moradora da Urbis, questionário aplicado em 29 de abril de 2019.

<sup>14</sup> Entrevistado D.C, moradora do Centro, questionário aplicado em 16 de abril de 2019.

<sup>15</sup> Entrevistada L.B, moradora do Centro, questionário aplicado em 16 de abril de 2019.

<sup>16</sup> Entrevistada P.S, moradora do Centro, questionário aplicado em 03 de maio de 2019.

<sup>17</sup> Entrevistada C.S, moradora da Urbis, questionário aplicado em 29 de abril de 2019.

<sup>18</sup> Entrevistada I.R, moradora do Centro, questionário aplicado em 05 de maio de 2019.



que têm são a praça, os barzinhos e a igreja, como destaca esse morador: “o lazer o que oferece mais são os barzinhos, a praça que é muito aconchegante, principalmente, à noite [...] agora tem ginásio de esportes, mas também não tô vendo tanto [...], os únicos espaços de lazer que nós temos é basicamente a praça, as igrejas, esses lugares assim [...]”<sup>19</sup>.

Portanto, ao apropriar-se dos espaços da cidade, as pessoas consolidam relações sociais conforme as suas necessidades e possibilidades para reprodução da vida. E nesse contexto as práticas da comunicação, dos encontros pelas ruas, das atividades desenvolvidas em conjunto representam as “artes do fazer”, de acordo com Certeau (1994), capazes de ressignificar o cotidiano vivido, sobretudo, nos espaços mais segmentados socialmente. Como exemplifica o relato de um morador da Jurema, ao afirmar que no bairro não tem espaços específicos de lazer, mas as pessoas se encontram no dia-a-dia e usam o tempo livre para estabelecer relações de sociabilidade, atividades criadoras dos momentos de diversão e de espontaneidade no próprio bairro.

Espaços assim não tem não, é carente. [...]. As pessoas geralmente se encontram [...] tem uma turma que fica jogando dominó na frente de casa até dez horas, nos finais de semana, se brincar vai até meia noite. É um bairro assim que as pessoas se comunicam, tão sempre bebendo, curtindo [...]. Se dão bem! Tem uma quadra de esporte na frente, logo na outra rua que o pessoal fica até onze horas jogando bola [...]. Aqui é tranquilo, as pessoas dormem cedo às vezes por costume já, mas não com medo disso ou daquilo, não é assim assustador como as pessoas falam não, aqui é tranquilo! (Entrevistado M.S, morador da Jurema, entrevista realizada em 21 de fevereiro de 2019).

Por sua vez, na dimensão do vivido, os comportamentos e interações sociais revelados no espaço da rua pelos “códigos de cortesia” (saudações, palavras “amistosas”, pedido de “notícias”), ritmo do andar e modo como se evita ou se valoriza determinado espaço público demarcam as relações da vida cotidiana (CERTEAU; MAYOL, 1996, p. 38). De acordo com os autores, nessa relação entre comportamentos e benefícios simbólicos os usuários se tornam parceiros de uma espécie de “contrato social” pelo qual eles próprios se obrigam a respeitar para que seja possível a vida cotidiana, esse é o “preço a pagar” (saber “comportar-se”, ser “conveniente”). Esses registros apontados pelos autores corroboram à análise desta pesquisa ao tratar de reflexões que apreendemos no cotidiano da cidade pequena de forma mais intensa.

---

<sup>19</sup> Entrevistado R.L, morador do Centro, entrevista realizada em 04 de outubro de 2019.



Durante as visitas de campo e entrevistas era comum as pessoas se cumprimentarem ao passar em frente à casa do vizinho. No momento da entrevista realizada com a senhora Maria<sup>20</sup>, cadeirante de 67 anos, por várias vezes, ela parou para responder os cumprimentos das pessoas que passavam na rua: “Oi Dona Maria, – Oi meu filho, tá sumido hein?! – É... – Tá por onde? – Por aí mesmo [...] – Ah, porque nunca mais eu o vi [...]. Tá bem meu filho, Deus te abençoe!” (Diálogo entre a entrevistada e um rapaz que passava na rua). “Dona Maria! – Oi filha, tá boa? – Tô bem [...]” (Diálogo entre a entrevistada e uma mulher que passava na rua). “Dona Maria! – Oi Val, – Como vai a senhora? – Eu tô mais ou menos minha filha, e você? – Eu tô bem [...]” (Diálogo entre a entrevistada e uma outra mulher que passava na rua durante a realização da entrevista).

A prática do caminhar pelas ruas para ir ao trabalho, à escola, fazer compras no mercado, ir à casa de um vizinho etc., envolve percursos que geralmente as pessoas fazem a pé pela cidade de São Felipe. Ao perguntar os moradores se eles costumavam circular pelas ruas por qual meio, 72% disseram fazer o percurso a pé; 20% utilizam moto; 5% bicicleta e 3% carro. Essa prática de realizar percursos a pé é facilitada pelas curtas distâncias entre locais de trabalho, escolas, supermercados etc., como ressalta a fala da Entrevistada C.C, “como meu trabalho é na rua aqui atrás eu vou sempre a pé [...] já aproveito e faço uma caminhada [...]”<sup>21</sup>. Desse modo, o ato de caminhar possibilita as experiências do encontro em meio as relações de uso e apropriação dos espaços-tempos da vida cotidiana, “[...] na produção do sentido do lugar e na interação entre as esferas do público e do privado” (SOBARZO, 2004, p. 154).

Para tanto, as pessoas vivem conforme as condições de reprodução social que lhes são possíveis e/ou impossíveis ao nível do cotidiano. Como esclarece Lefebvre (1991b, p. 27), essas pessoas “[...] vivem bem ou mal. É no cotidiano que elas ganham ou deixam de ganhar sua vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre. Aqui e agora”. O discurso da Entrevistada A.P, senhora de 67 anos, moradora da Jurema, apresenta alguns elementos do modo como às pessoas lutam para ganhar a vida em seu cotidiano.

---

<sup>20</sup> Entrevista realizada com D. Maria, moradora da Jurema, em 30 de abril de 2019. [Nome fictício].

<sup>21</sup> Entrevistada C.C, moradora do Centro, questionário aplicado em 05 de maio de 2019.



Eu estudei em Salvador. Eu morei lá até meus 24 a 25 anos [...]. Fiz o ginásio, trabalhei e depois vim para aqui [...]. Ensinei até me aposentar. Naquele tempo se aposentava com 25 anos, eu me aposentei com 26 anos de trabalho. Criei meus filhos, casei eles [...] foi assim a vida [...]. Graças a Deus foi uma vida, não digo boa, mas também não foi mal, foi mais ou menos! Lutei, casei, fiquei viúva [...] criei meus filhos todos, tão todos criados graças a Deus! Hoje, o mais novo tem 36 anos, que é o caçula que mora comigo ainda [...] e assim foi à vida [...] (Entrevistada A.P, moradora da Jurema, entrevista realizada em 30 de abril de 2019).

Os elementos apontados pela entrevistada revelam as dificuldades enfrentadas ao nível do cotidiano e como elas se realizam através das práticas de uso e apropriação do espaço, nas maneiras de viver em busca da sobrevivência. Ao perguntá-la a respeito dos principais problemas que a família enfrenta no dia-a-dia, também destacou a dificuldade de obter trabalho, principalmente, para os jovens recém-formados no ensino médio que não encontram outras oportunidades para aperfeiçoamento dos estudos e capacitação profissional na cidade (LEANDRO, 2021).

Conforme os entrevistados, 88% afirmaram gostar de morar na cidade de São Felipe. Desses, 27% destacaram a condição de cidade tranquila e “sossegada” como elemento que as fazem gostar. 12% relacionaram a convivência entre as pessoas e suas relações de solidariedades. Outros 12% ressaltaram o fato de morar próximo da família, relacionado ao sentimento de pertencimento com o lugar onde nasceu. E, dentre as outras afirmações, sobressaíram-se as falas: “me sinto bem aqui/ gosto de morar aqui” (8%); “é uma cidade boa” (6%); “facilidade de compras/ custo de vida baixo” (4%); “porque é a única opção no momento” (3%); “facilidade de ir nos locais/ tudo perto” (2%) etc. Tais afirmações são influenciadas pelas práticas espaciais dos sujeitos, percebidas ao consolidarem relações de pertencimento com o espaço vivido. “Gosto porque minha vida, minha família e meu trabalho estão aqui”.

Todavia, os entrevistados que afirmaram não gostar de morar em São Felipe (12%) relacionaram suas opiniões as ausências de “oportunidades”, sobretudo, trabalho e estudo. O fato de as pessoas morarem na cidade pequena e, de certo modo, manterem contato mais próximo com relação ao outro também é visto por alguns moradores como algo negativo. “Eu não gosto de morar em São Felipe por causa das pessoas que gostam



muito da vida dos outros, aqui todo mundo conhece todo mundo e sabe o que você faz ou deixa de fazer, gostam de tomar parte!”<sup>22</sup>.

Prado (1995), em seus estudos a respeito dessas relações de proximidade, chegou a denominar a cidade pequena como “paraíso e inferno da pessoalidade”. Na qual, o reconhecimento das relações de vizinhança tanto pode contribuir para a sociabilidade do convívio social de forma harmoniosa, como também instigar os conflitos, na medida em que as pessoas passam a querer controlar a vida uma das outras. Todavia, conclui-se que o confronto dessas relações representa as próprias ambiguidades dos conteúdos sociais reproduzidos no cotidiano (LEANDRO, 2020).

Nesse contexto, as práticas espaciais reproduzidas na cidade pequena envolvem múltiplas dimensões de análise e o entendimento das relações espaciais cotidianas revelam contradições e conflitos da produção do espaço vivido. Haja vista, as práticas da comunicação, dos encontros pelas ruas, das atividades desenvolvidas em conjunto, dos conflitos e anseios por melhores condições de vida, caracterizam elementos importantes das relações de cotidianas compartilhadas entre os sujeitos e, ao mesmo tempo, revelam as ambiguidades da experiência “prático-sensível” das relações imediatas ocultadas ao nível do habitar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas neste artigo apontam à importância da análise das práticas espaciais para o entendimento das relações sociais de produção e (re)produção do espaço na cidade pequena, sobretudo, por revelar aspectos da dimensão do cotidiano que surge da prática. E as reflexões sobre as práticas espaciais são fundamentais para a compreensão da vida urbana, por possibilitar a apreensão dos conteúdos sociais no cotidiano como movimento teórico-metodológico para interpretação da realidade concreta e suas possibilidades de transformação inseridas no espaço vivido.

Por meio do pensamento teórico de Lefebvre foi possível apreender o cotidiano para além das práticas repetitivas das atividades banais do dia a dia, ao entender que as relações de produção e apropriação do espaço são constantes e ao reproduzir as relações sociais, novas relações de produção e de uso do espaço se realizam. Observou-se assim,

---

<sup>22</sup> Entrevistada S.P, moradora do Centro da cidade, questionário aplicado em 15 de abril de 2019.



que ao apropriar-se do espaço da cidade de São Felipe, seja pelas práticas de comunicação, nos encontros pelas ruas, nas relações de sociabilidade compartilhadas entre vizinhos para além do espaço privado da casa, os moradores consolidam práticas espaciais percebidas e vividas conforme suas necessidades e possibilidades para reprodução da vida cotidiana. E com isso, também ressignificam as condições do espaço programado e homogêneo impostas pelo modo de produção capitalista que tende a reduzir as diferenças.

Nesse sentido, ao se apropriarem da cidade e reproduzirem-se espacialmente, os sujeitos reiteram e recriam o cotidiano significativo de valor de uso e sociabilidades, para além das relações de troca. E o diálogo da teoria com a análise empírica pautada no nível privado (do habitar), onde as práticas socioespaciais se realizam, possibilita uma leitura mais ampla sobre a (re)produção do espaço experienciado pelas relações sociais, o vivido. Portanto, este estudo contribui para o entendimento da reprodução das práticas espaciais, suas relações e conteúdos sociais, inseridas como atividades reprodutivas que acabam por ressignificar as formas e os conteúdos do espaço urbano. E as questões levantadas no decorrer do texto não se encerram, revelam possibilidades para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A. Henri Lefebvre: a problemática urbana em sua determinação espacial. **Geosp – Espaço e Tempo**. v. 23, n. 3, p. 458-477, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/163371>. Acesso em: 23 de setembro de 2021.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O espaço urbano. Novos escritos sobre a cidade. São Paulo, Contexto, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço – tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**. morar, cozinhar. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DAMIANI, Amélia Luísa. As contradições do espaço: da lógica (formal) à (lógica) dialética, a propósito do Espaço. *In*: DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F.; ODETTE, S.



(Org.). **Espaço no fim de século: a nova raridade**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 48-61.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no noroeste do Paraná**. 2006. 505 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292870>, acesso em: 23 de agosto de 2018.

LACOMBE, Marcelo S. Masset. Os fundamentos marxistas de uma sociologia do cotidiano. **Revista Outubro**. Ed. 17. Jun. 2008. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-17-Artigo-05.pdf>. Acesso em: 24 de novembro de 2019.

LEANDRO, Maiara Cerqueira. A produção do espaço e o cotidiano na cidade de São Felipe – Ba. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 43, v. 1, p. 80-103, jan.-abr, 2021. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7494>. Acesso: 12 de setembro de 2021.

LEANDRO, Maiara Cerqueira. **A produção do espaço da cidade pequena: das representações socioespaciais à apropriação das práticas cotidianas em São Felipe - BA**. 2020. 171 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGEO, Vitória da Conquista, 2020.

LEFEBVRE, Henri. (1974). **La producción de espacio**. Trad. Emilio Martínez Gutiérrez. Madrid: Capitán Swing Libros, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Moraes, 1991a.

LEFEBVRE, Henri. (1968). **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática. 1991b.

PRADO, Rosane Manhães. Cidade Pequena: Paraíso e Inferno da Pessoaalidade. *In: Cadernos de Antropologia e Imagem*, n° 4, Rio de Janeiro, 1995, p. 31-56.

SOBARZO, Oscar Alfredo. **Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**. 2004. 221 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. São Paulo, 2004.